

CONTO

A natureza do homem

Gilson Viemique

Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN)

vieiragilson.tv@gmail.com

O sol não nascia no sertão — rasgava o céu em silêncio, como uma lâmina quente. A terra, cansada de promessas de chuva, se abria em feridas fundas, rachadas até o osso. Cada fenda parecia uma boca pedindo por água, e o vento, quando soprava, trazia só poeira. No sertão, até o silêncio tinha sede.

Elias cresceu ouvindo o estalo da terra rachando, achando que era Deus falando com raiva do mundo. O chão queimava os pés, o ar queimava os pulmões, e os dias se repetiam como o som de um sino quebrado.

Ainda de madrugada, ele deixava a rede e buscava o balde. Com doze anos, já carregava mais peso do que devia. A infância, se algum dia existira, ficou soterrada entre as pedras e as tarefas. Ir buscar água na cacimba, cortar lenha seca, ajudar o pai na roça que não dava fruto — tudo era obrigação. A vida não esperava o corpo crescer para exigir.

O balde era grande demais para seus braços, e o caminho até o poço era longo. Ele ia em silêncio, só ouvindo o barulho dos próprios passos sobre o chão duro. Às vezes, deixava o pensamento escapar, imaginando o que haveria depois da curva do horizonte. Sonhava com rios que não secavam, com árvores verdes, com cidades onde as pessoas não falavam de castigo. Com mundos onde as mães não apanhavam. Onde os filhos podiam ser o que sentiam, sem apanhar por isso. Onde os homens não gritavam tanto. Mas bastava lembrar do pai para que os sonhos virassem pecado.

O pai dizia que o novo era perigoso, que o desconhecido vinha do demônio, e que só o que estava escrito na Bíblia era seguro. Tudo fora dela era maldição. Elias aprendeu cedo a esconder as vontades, a calar o espanto, a fingir que não via nada.

Naquele dia, quando voltava com o balde meio cheio, um barulho diferente cortou o ar. O ronco de um motor. Um caminhão velho atravessava o vilarejo, cuspidando fumaça cinza. O homem ao volante vestia roupas quentes demais para o calor, o rosto coberto de poeira e algo que Elias não sabia nomear — talvez liberdade. Era um rosto que não se via por ali. Estrangeiro. Perigoso.

Elias ficou parado, olhando. O caminhão parecia uma fera de outro mundo, um bicho feito de ferro e fogo. Por um instante, o menino sentiu algo que nunca tinha sentido: vontade de seguir aquela fumaça. Mas se o pai o visse olhar demais, haveria surra. No sertão, até o olhar podia ser culpa.

O caminhão sumiu na curva. Elias respirou fundo e seguiu com o balde. Pensou que o novo devia mesmo ser perigoso, mas o velho, aquele velho de todos os dias, já o matava devagar.

A casa era pequena e escura, feita de barro, o teto de palha cansada. O pai estava sentado à mesa, a Bíblia aberta, o dedo marcando versículo. Olhou o filho com



Esta revista adota o modelo de Acesso Aberto e seu conteúdo está licenciado sob a licença CC BY-NC 4.0

ARK:16081/CRL9926-CGAB

Recebido

14 de novembro de 2025

Aprovado

22 de dezembro de 2025

Edição

Lury Morais

Revisão

Lury Morais

desconfiança – como quem vê o pecado antes da palavra.

— Demorou. — A voz era seca como a terra.

Elias tentou se justificar, mas bastou o silêncio para receber um olhar que bastava. O pai não precisava gritar para doer. Quando falava, a voz soava como ordem divina; quando calava, pesava como ameaça.

O velho acreditava que o mundo era uma provação, e que o sofrimento purificava. Lia em voz alta trechos que falavam de fogo, castigo, submissão. Rezava com força, como quem briga com Deus. E entre uma reza e outra, a cinta descia, não por raiva, mas por costume.

A mãe, ao contrário, falava baixo, cantava baixinho. Tinha as mãos finas, o olhar leve, e sempre um sorriso triste nos cantos dos lábios. Dizia que cada estrela no céu era um poço de luz, e que um dia a chuva voltaria. À noite, embalava Elias com uma cantiga que falava de rios, de mar, de liberdade — *Corre, menino, corre pro mar, que a água sabe te levar... corre, menino, que o mundo é grande e teus passos sabem achar.* — Ele ouvia com o coração apertado, fingindo dormir para que o pai não escutasse.

Mas o corpo da mãe começou a fraquejar. A tosse veio seca, depois o suor frio, depois o silêncio. O pai dizia que era provação, que bastava rezar, que médico era coisa do diabo. Rezas, promessas e mais castigo. E a febre dela só aumentava.

Elias sentava ao lado da rede, olhando o peito dela subir e descer, mais devagar a cada dia. Queria pedir ajuda, mas não ousava. Quando ela enfim parou de respirar, o pai apenas fechou a Bíblia e disse que a vontade de Deus se cumprira. Enterraram-na no chão duro do quintal, e o menino sentiu como se tivessem enterrado também o último pedaço de água do mundo.

Depois disso, o pai se perdeu. Passou a beber cachaça e repetir os mesmos versículos como se quisesse convencer o próprio inferno de que ainda tinha fé. Elias apanhava por qualquer motivo — por falar, por calar, por existir. O som das pancadas se misturava ao ranger do vento na janela, e o menino começou a acreditar que a casa inteira batia junto com o pai.

Numa noite, quando a dor já não cabia no corpo, Elias ficou deitado olhando o teto. Lembrou-se da cantiga da mãe, das histórias de rios e mar, e sentiu um nó subir-lhe à garganta. O medo ainda morava nele, mas algo diferente começava a nascer. Talvez coragem, talvez desespero — no sertão, as duas coisas eram quase a mesma.

Quando o galo cantou a primeira vez, ele se levantou. Pegou o cantil vazio, a rede da mãe dobrada e uma muda de roupa. Olhou o pai dormindo sobre a mesa, a Bíblia aberta, as garrafas espalhadas. Pensou em deixar um bilhete, mas não sabia o que escrever.

Saiu em silêncio, atravessando o terreiro com o coração batendo forte. O chão ainda frio, o céu começando a clarear. Caminhou sem rumo, guiado pelo mesmo instinto que fazia as aves partirem quando a seca apertava. Atrás dele, a casa ficou pequena. À frente, o sertão se estendia como um deserto vivo, pulsando sob o sol que nascia. Elias caminhava devagar, e cada passo parecia abrir espaço dentro dele.

Pensou na mãe. Na promessa que ela fizera antes de morrer: “Não deixa o sertão te matar por dentro.” E se lembrou do verso que ela sempre repetia quando o via triste — *Mesmo na seca, menino, teu peito é um rio que quer andar.*

Abriu a boca e, pela primeira vez em muitos meses, deixou a voz sair. Fraca, rouca, mas viva. Cantou baixinho a melodia que ela lhe ensinara:

*Corre, menino, corre pro mar, que a água sabe te levar...
Não teme a noite nem o chão, que dentro do peito mora a canção.*

O vento levou as palavras, misturou-as à poeira, e por um instante o sertão pareceu escutar. Era como se a própria terra, cansada de tanta seca, reconhecesse os versos —
Canta, menino, canta sem medo, que a voz quebrada te abre o caminho.

Elias seguiu andando, o rosto sujo de terra, o coração cheio de medo e algo que ainda não sabia chamar de esperança.

Porque no fundo, ele já compreendia — a seca não era o pior dos males. O que mais doía, o que mais destruía, era a natureza dos homens.

Gilson Viemique

Graduando em Licenciatura em Geografia pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Lattes:
<http://lattes.cnpq.br/3469163109583024>